

O FILHO IMUTÁVEL

G. Campbell Morgan

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre”. Hebreus 13.8.

O capítulo final da carta aos Hebreus se compõe de injunções e instruções baseadas em todo o ensino que precedeu. A fé em Deus manifestada como a obediência à Sua revelação é considerada ser o segredo da vida. Deus falou. Os homens ouviram. Quando eles creram no que Deus tinha para dizer, seja nos tempos passados em diversas porções e de diversas maneiras pelos profetas, ou agora em Sua pregação final ao homem em Seu Filho, e quando eles creram com a convicção que produz obediência, encontraram o segredo da vida. No meio dessas instruções e injunções finais, esta grande declaração do escritor é encontrada: ***“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre”***, ou mudando ligeiramente a leitura: ***“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e pelas eras”***. Esta é a última afirmação no livro como a finalidade do que Deus disse aos homens em Seu Filho. Não pode haver nenhuma mudança, porque Ele é imutável. Enquanto se refere a Ele ***“hoje”***, o escritor liga a afirmação como passado ***“ontem”***, e com todo o futuro, ***“pelas eras”***. A referência ao ***“ontem”*** não inclui meramente o período do falar de Deus aos homens, mas o mistério emitido anteriormente do qual só podemos falar quando as eras passam. A referência ao futuro mostra que Nele toda vida deve ser condicionada não apenas aqui e agora, mas em todo o mistério daquilo que virá, ***“pelas eras”***. Em relação a essa afirmação assumimos os pensamentos simples sugeridos por essas frases: Jesus Cristo ontem, Jesus Cristo hoje, Jesus Cristo para sempre. Aqui fazemos uma breve pausa para notar definitivamente como o escritor se refere ao Filho do Deus nesse ponto, quando fala Dele como ***“Jesus Cristo”***. Não há nenhum descuido pelos escritores do Novo Testamento no uso de um nome ou um título em nenhum ponto. Aqui, como no Velho Testamento, não encontramos nenhum descuido no nome particular de Deus empregado em qualquer ponto. Na carta aos Hebreus encontramos o Filho de Deus mencionado de maneiras diferentes. Ele é chamado ***“o Filho”***. Essa é a grande palavra introdutória, quando declara que Deus nos falou em ***“um Filho”***. Oito vezes no decorrer da carta ele se refere assim a Ele. Quatro vezes ele distintamente O chama de ***“o Filho de Deus”***.

Três vezes ele O designa “o Senhor”. Oito vezes ele usa o nome humano sozinho, “Jesus”. Uma vez ele liga este nome como título, “o Senhor Jesus”. Oito vezes ele emprega o título Messiânico, “Cristo”. Três vezes ele liga este título com o nome, “Jesus Cristo”. Quatro vezes ele se refere à “Palavra de Deus”. Qualquer que possa ser o título, a Pessoa é sempre tida em mente, mas todo nome tem algum valor distinto no momento em que é empregado.

Aqui, conforme dissemos, ele junta um nome e um título os quais tratou em duas outras ocasiões, uma vez declarando que o Filho é Aquele por quem a vontade de Deus pela nossa santificação é realizada, outra vez onde declarou que o Filho está sobre a Sua própria casa. Aqui então encontramos os títulos juntos mais uma vez. O nome, tão santo e tão familiar, Jesus, é usado.

Jesus é um nome peculiarmente humano, ainda que cheio de significado profundo, um nome que, segundo os registros, foi usado primeiro pelo homem que sucedeu Moisés; um nome no qual uma parte do nome Divino, Yahweh, e outra parte do nome original deste homem Hoshea foram colocadas juntas. O seu significado então é o de salvação por Jeová. O anjo disse: **“Chamarás o Seu nome JESUS, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados”**. É inevitável, contudo, que quando usamos o nome a nossa atenção seja fixada sobre o ser humano. Em Hebreus este nome não emerge até que chegamos ao segundo capítulo e o nono verso. Temos primeiro toda a introdução, fixando a atenção na glória da Pessoa do Filho. Então diz o escritor: **“Mas vemos Jesus, que foi feito um pouco menor do que os anjos”**. Então encontramos que o título “Cristo” não é usado até que alcancemos o capítulo três, verso seis: “Mas Cristo, como Filho sobre a Sua própria casa; a qual somos nós”. Agora, diz o escritor, “Jesus Cristo é o mesmo ontem hoje e sempre”. Esta Pessoa é definida a nós por um nome que O apresenta em associação muito próxima à nossa natureza humana, o nome que Ele possuía durante os dias da Sua carne, o nome que sem embargo tem significância no que diz respeito ao significado e propósito da Sua encarnação, **“Chamarás o Seu nome JESUS”**. Ele é, além disso, nomeado “Cristo”, o Messias, Aquele que é ao mesmo tempo Rei e Sacerdote, cuja coroa do reinado é uma mitra do sacerdócio, cujo éfode do sacerdócio é a púrpura da realeza. É Aquele acerca do qual o escritor faz a declaração de que Ele é **“o mesmo ontem hoje e sempre”**. A Pessoa apresentada, então, é de acordo com a abertura da carta um Filho, herdeiro de todas as coisas, através do qual Deus formou as eras, a expressa Imagem da substância Divina, que sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder, e que fez a purificação dos pecados. Este é Jesus, que os homens viram, e ouviram falar com uma voz humana, e Ele é o Cristo. Se entendêssemos a grande declaração que estamos considerando, perceberíamos que o ponto

focal da revelação é encontrado quanto O vemos como Ele foi no “ontem” do tempo. Os fatos centrais de Deus, e da nossa própria natureza estão completamente além da possibilidade da nossa completa apreensão ou compreensão. Este, naturalmente, é o significado da Encarnação. O Eterno teve em Jesus a manifestação temporal. O Logos Infinito veio ao nível onde foi possível aos finitos olhos observar, e por tal observação ser introduzido às próprias coisas infinitas. Olharemos então para Ele no meio daquele período da manifestação, nos dias da Sua carne. Isto necessariamente significa que devemos consultar os registros. Voltando atrás, então, para as narrativas do Evangelho inquirimos: 'Como O vemos?' Esta é uma pergunta fácil de fazer, mas impossível de se responder apropriadamente. Quando O observamos ali, vemos Aquele cujo apelo era feito à humanidade essencial, bastante à parte de qualquer posição racial, ou privilégio, ou limitação, ou desvantagem. Paulo entendeu a grande verdade quando escreveu: **“Não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos” (Cl 3.11)**. Todas as coisas pelas quais identificamos indivíduos para marcar a separação deles de outros, estão ausentes. Foi deste modo que Ele fez o Seu constante apelo aos homens, e os atraiu em direção a Ele. Não foi o ensino de Jesus que apelou aos homens. Eles o recusaram. Eles sabiam que era verdadeiro, e foi por isso que o objetaram porque a verdade os condenou. Jesus disse: **'Sedes puros do princípio ao fim'**. Por isso, o Seu ensino não apelou. Mas a Sua humanidade o fez. Ele era irresistível. É impossível ler as narrativas sem ouvir o ruído das multidões O seguindo. Os homens encontraram Nele uma fusão da graça e da verdade, da doçura e da força, da brandura e da majestade, da luz e do amor. “Ontem”, então, Ele apelou para os homens pela Sua absoluta humanidade. A verdade subsiste hoje.

No título “Cristo” temos um reconhecimento do apelo que Ele fez à humanidade em sua necessidade. Para o objetivo do nosso estudo presente podemos dizer que a necessidade de humanidade é revelada no uso de duas palavras, pecado e tristeza. A tristeza é o resultado do pecado. O observamos então no mundo onde o pecado e a tristeza abundam. Quanto ao pecado vemos que Ele nunca o desculpou. Falamos hoje do 'mal necessário'. Tal frase nunca passou pelos Seus lábios, pois tal pensamento nunca ocupou a Sua mente. É na verdade uma contradição de termos segundo Ele. O que é necessário não pode ser mau. O que é mau nunca pode ser necessário. Mas mais uma vez, se Ele nunca desculpou o pecado nunca abandonou o pecador.

Tomaremos outra frase que temos tendência de usar: 'um caso sem esperança'. Esta frase nunca passou pelos Seus lábios, porque ela não teve

lugar em Seu pensamento. Não havia nenhum caso sem esperança quando olhava para as pessoas. A história do Seu procedimento com os homens e mulheres revela o que em um sentido apropriado e cauteloso podemos nos referir como o Seu magnífico otimismo diante de todo o desamparo humano. Por mais mal que um homem pudesse ser, por mais baixo que uma mulher pudesse ter-se afundado, Ele os tratou como salváveis. Quando nos voltamos para a tristeza, Ele mesmo foi um Homem de Dores e se inteirou da aflição, e em Seu tratamento com outros nunca ignorou a tristeza; mas nem por Si mesmo nem por outros se submeteu a ele. Ele nunca o tratou como algo que deva encher os homens de desespero. Bem quando deixava os Seus discípulos disse-lhes esta coisa notável: **“A vossa tristeza se converterá em alegria” (Jo 16.11)**. Note isto cuidadosamente, Ele não disse: 'A vossa tristeza terá compensada alegria', mas antes que a própria tristeza seria transmutada em alegria. Assim O vemos “ontem”, apelando para a humanidade pelos princípios básicos da Sua própria humanidade, e enfrentando as condições de pecado e tristeza, nunca desculpando o pecado ou abandonando o pecador, nunca ignorando a tristeza ou admitindo que ela fosse a palavra final. O escritor afirma depois que Ele é o mesmo “hoje”, isto é, o mesmo nessas questões essenciais. Percebemos que há uma diferença entre “hoje” e “ontem”. Durante os dias da Sua carne Ele foi localizado e limitado por tal situação. Sabendo isso, antes que deixasse os Seus discípulos lhes disse: **“Vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós” (Jo 16.7)**. Ele não está mais conosco como esteve com aqueles primeiros discípulos na forma corpórea, mas em todas as coisas essenciais que fundamentam a manifestação então Ele ainda está conosco. Nós O conhecemos pelos Evangelhos, mas aqui muita tentativa de interpretação de Jesus Cristo e da Sua mensagem falha. Uma Pessoa adaptada a uma filosofia natural não é a Pessoa dos Evangelhos. Nos Evangelhos encontramos Aquele que deu ao mundo sua ética final, e sua única mensagem de salvação pela fé. Se modificarmos a Pessoa rebaixaremos a ética, e destruiremos a mensagem. Resumidamente podemos aplicar as coisas consideradas. Ele ainda apela para a humanidade. Quando Jesus é revelado permanece tão atraente à natureza humana como era durante os dias da Sua carne. Deixe a história simples ser dita, e quer obedeçam ou não, os homens vêem a beleza da Pessoa. Ele permanece, além disso, o mesmo na Sua atitude em direção ao pecado. Ele nunca o desculpa, e a hipocrisia é impossível na Sua presença. Possivelmente a principal e a mais radiante glória é o fato de que Ele é o mesmo no fato de que não nos abandona se tivermos pecado. Ele ainda está dizendo a todos os moralistas críticos, frios e calejados: 'Deixe aquele que está sem pecado lançar uma pedra'. Além disso, Ele é ainda o mesmo na Sua atitude em direção à tristeza. Ele nunca a ignora. Se Maria está chorando aos Seus pés por seu

irmão morto. Ele chorará com ela, embora seja o Senhor da vida e da morte. Agora dê uma olhada para o “**para sempre**” ou “**eternamente**”. Prefiro esta tradução mais literal porque ela não tenta nenhuma medição matemática. Referimo-nos à eternidade e o nosso pensamento a segue tanto quanto seja possível e então reverentemente para. Parece-me que a expressão mais forte concernente a eternidade no Novo Testamento veio da pena de Paulo quando escreveu: “**Em todas as gerações, para todo o sempre**” (Efá 3.21). As eras vêm e passam, cada uma tem a sua própria natureza, os seus próprios períodos de duração, as suas próprias forças e valores peculiares. Paulo parece ver todas elas geradas ou nascidas em sucessão, e encerradas em uma era. Essa é a frase empregada pelo escritor, quando olha para o futuro declara que Jesus Cristo é o mesmo. No início da carta tinha declarado que as eras foram formadas pelo Filho. Ele agora afirma que através delas Ele permanece o mesmo. Tudo o que o futuro possa ter no estoque, portanto, Ele será sempre o Revelador da verdade, e o Manifestador da graça. Todas as insondáveis profundidades e distâncias são vistas Nele. Através Dele Deus falou ao homem, e Ele não tem mais nada para dizer. Não há nenhuma necessidade para mais. Há necessidade de que entendamos o que Ele disse no Filho mais perfeitamente e assim crescamos Nele em todas as coisas em conhecimento e experiência. Mudança; estamos todos conscientes da mudança. Ela é ao mesmo tempo o sal e o veneno da vida. Como sal, ela previne a corrupção. Se não conhecêssemos nenhuma mudança ao longo do nível da nossa experiência humana de fato seria uma coisa terrível. Mas ela é também o próprio veneno da vida, quando parece interferir com os nossos planos e aparentemente com nosso progresso. Está fora do sentido pungente disto o que o cantor cantou: 'Mudança e decadência vejo em toda volta'. Mas observe cuidadosamente que esta afirmação também foi feita: 'Tu que não mudas, permaneces em mim'. Em toda nossa vida humana precisamos de um centro de permanência, aquele no qual podemos fixar nossa vida, e saber que ele permanece. Precisamos também do segredo do perene frescor. Ambos são encontrados em Jesus. Eu mudo, Ele não muda. Além disso, Ele é o segredo do perene frescor. Nunca há um dia na solidão da nossa própria situação quando, se permanecemos Nele, Ele não irrompa em nós com alguma nova glória, alguma nova beleza. Assim a palavra final de Deus para o homem é dita em um Filho, Jesus Cristo, que é “o mesmo ontem, hoje, e sempre”.

Do livro: *God's last Word to Man* - (A última Palavra de Deus para o Homem).